

O PAPEL DOS ESCRAVOS E DOS LIBERTOS NA DIVULGAÇÃO DA CULTURA GREGA EM ROMA. O CASO DE TIRÂNIO

**THE ROLE OF SLAVES AND FREEDMEN IN THE SPREAD OF GREEK
CULTURE IN ROME. THE CASE OF TYRANNION**

EULÁLIA MARQUES

UNIVERSIDADE DE COIMBRA, LICENCIATURA EM ESTUDOS CLÁSSICOS

MARQUES.EULALIA@HOTMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-6001-0583](https://orcid.org/0000-0001-6001-0583)

67

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 31/03/2022

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 12/12/2022

Resumo

Tirânio, aquando da conquista de Amiso por parte de Roma em 71 a.C., foi feito escravo em condições pouco comuns por Licínio Lúculo, mas, pouco depois, foi libertado por Lúcio Murena. Em Roma, privou com figuras ilustres como Cícero, Apeliconte, César, tendo sido chamado a organizar a biblioteca dos dois primeiros. Este estudo percorre a vida de Tirânio, começando pela fase anterior a Roma, passando pela sua atividade nesta cidade como gramático, professor e bibliotecário, incluindo as obras que deixou, e ainda a influência sobre os seus discípulos. A reflexão enquadra-se numa perspetiva mais

geral sobre o contributo dos intelectuais gregos para a progressiva influência da cultura grega em Roma.¹

Palavras-chave: Tirânio, gramático, bibliotecário, escravo, liberto.

Abstract

During the conquest of Amiso by Rome in 71 BC, Tyrannion was enslaved by Licinius Lucullus under unusual circumstances, later to be freed by Lucius Murena. Whilst in Rome, he interacted with notable figures such as Cicero, Apellicon, and Caesar, having been invited to organize the libraries of the former two. This study contours the life of Tyrannion, beginning with the period before his time in Rome, moving onto his activities as a grammarian, teacher, and librarian, and ending with an examination of the works he left behind and their influence on his disciples. In short, Tyrannion's life sheds light on the contribution of Greek intellectuals to the cultural life of Rome.

Keywords: Tyrannion, grammarian, librarian, slave, freedman.

68

1. TIRÂNIO EM AMISO

Tirânio, natural de Amiso², era filho de Epicrátides, também natural de Amiso, e de Líndia, natural de Alexandria, e tinha como primeira língua o grego. A sua data de nascimento é situada no período entre 110 e 100 a.C. O seu nome, na verdade, seria Teofrasto. *Tyrannion* foi uma alcunha dada pelo seu professor Hestieu, face à atitude tirânica

1 Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Prosa Latina, para ser apresentado nas I Jornadas de Iniciação Científica da FLUC (2021), sob a orientação do Doutor Paulo Ferreira e da Doutora Ália Rodrigues. Agradeço a cuidada orientação que me proporcionaram. Foi uma experiência verdadeiramente produtiva que me iniciou na área da investigação e me preparou para futuros trabalhos científicos. Um muito obrigada aos dois professores.

2 Ficava no que hoje é Samsun, na Turquia. Amiso era o nome pelo qual era conhecida na antiguidade.

que o jovem tinha relativamente aos colegas, ou seja, o nome deriva do termo grego *tyrannis* que significa ‘déspota’, ‘tirano’. A alcunha acabou, mais tarde, por se sobrepor ao verdadeiro nome, *Theophrastos*.³

Não há muita informação sobre a vida de Tirânio antes da sua vinda para Roma. Sabe-se que Tirânio estudou em Rodes com Dionísio da Trácia, famoso professor de gramática e de literatura, conhecido também pela sua obra *Téchne grammatiké* que consistia num compêndio de gramática pura⁴. Tirânio mais tarde principiou a sua carreira como professor – provavelmente de gramática⁵ – em Amiso, tendo-se tornado rival do gramático Demétrio de Eritreia⁶.

1.1. PRISIONEIRO DE GUERRA OU ESCRAVO?

Pouco depois do retorno à terra natal, a Terceira Guerra Mitridática começa. Licínio Lúculo toma posse de Amiso e Tirânio é feito prisioneiro de guerra juntamente com outros membros da sua comunidade. Porém Lúcio Murena, lugar-tenente de Lúculo, pede para ficar com o prisioneiro e liberta-o (Suda τ1184). É curioso que Plutarco (*Luc.* 19.7), apresenta uma outra versão deste episódio. Conta este autor que Murena quando recebeu Tirânio como prémio pessoal, lhe terá concedido formalmente a liberdade. Lúculo considerou que Murena procedeu de forma indigna, na medida em que, ao libertar o gramático, acabou por lhe conferir o

69

3 Pagani 2015.

4 Dionísio, o Trácio, defendia que a missão de um gramático, como κρίσις ποιημάτων, consistia na “crítica da poesia”. A sua obra supramencionada consiste na acentuação, nas pausas, nas letras, nas sílabas, na divisão das partes do discurso e nas qualificações. Para mais informação, cf. Pagani 2015.

5 A informação que temos sobre o que Tirânio ensinaria em Amiso não é clara. Estrabão afirma ter tido lições de gramática com Tirânio em Roma, pelo que é provável que também tenha sido professor de gramática na sua terra natal (*Geogr.* 13.1.54).

6 Não se sabe a qual das Eritreias se referia ao certo: se à localizada na Beócia, na Iónia ou em Locros. Cf. Ascheri 2015.

estatuto momentâneo de escravo. Tal atitude foi deveras indigna, dado o estatuto e erudição do gramático na sua condição livre.

Sobre a distinção entre escravo e prisioneiro de guerra, como a posição legal não estava claramente definida, é difícil averiguar com precisão. A lei apenas estabelecia a distinção entre a condição de livre e a condição de escravo. Os *servi* eram aqueles que o comandante, em vez de matar, preservava⁷ para deles obter rendimento. Por outro lado, os que eram capturados pela mão inimiga eram os *mancipia*. Um prisioneiro de guerra – em latim *captivus* ou *captus* –, consiste num civil que fica em restrição. Segundo a lei romana, tal podia significar que o *captivus* seria considerado como um escravo de imediato. Porém, aquando da captura de um indivíduo de condição livre, este não era incluído no que era considerado espólio, mas sim levado à parte para Roma.⁸

No caso de Tirânio, e independentemente da versão, o certo é que de escravo passa então a liberto, ainda que não se saiba ao certo por meio de que tipo de *manumissio*⁹ obteve. Regra geral, após a alforria, o senhor e o liberto passavam a ter uma relação de *patronus* e *cliens*, respetivamente, em que o primeiro tinha direitos sobre o *cliens* e este tinha deveres relativamente ao *patronus*. Tirânio, como veremos mais à frente, não parece ter sido sujeito às condições expectáveis de um liberto. A maioria das fontes sugere que Tirânio foi liberto em Amiso, mas, ainda assim, segue depois para Roma entre 68 e 66 a.C.

7 Note-se a semelhança do português com a palavra latina *servare*.

8 Wickham 2014: 11.

9 Este passo de Ferreira (2018) é especialmente esclarecedor no que respeito à alforria em Roma: “O direito civil romano contemplava três formas de *manumissio*: a *manumissio uindicta*, em que um *adsertor libertatis* reclamava perante um magistrado a liberdade para o escravo, a quem se tocava com uma varinha (*uindicta*); a *manumissio censu*, pela qual o nome do antigo escravo passava, com autorização e por ação do senhor, a constar da lista de cidadãos; e a *manumissio testamento*, que podia implicar o ressarcimento do escravo aos herdeiros. No âmbito da ação do pretor, ainda se verificavam as *manumissiones inter amicos*, isto é, perante testemunhas; *per conuiuii adhibitionem* ou *per mensam*, pela qual o escravo era convidado a comer com os restantes convivas; e *per epistulam*, isto é, por carta de alforria.”

2. TIRÂNIO EM ROMA:

2.1. O BIBLIOTECÁRIO

Já em Roma, Tirânio desenvolve uma longa carreira como professor de gramática e como gramático. A sua fama cresceu tanto (ou mais) quanto a sua riqueza, ao ponto de ter formado uma biblioteca privada de tamanho invulgar (cerca de 30 000 volumes)¹⁰. É provável que Tirânio tivesse sido introduzido nos círculos intelectuais romanos mais importantes do seu tempo através de Lúculo. Terá sido neste contexto que terá conhecido figuras como Sula, Júlio César, Cícero e Ático. Estes contactos também promoveram a reputação e a mobilidade social de Tirânio.

Um dos políticos e pensadores romanos com quem Tirânio estabeleceu uma longa relação de proximidade foi Cícero. É, na verdade, graças às *Cartas* de Cícero que é possível reconstruir parte da carreira de Tirânio como *grammaticus* em Roma. Apesar de ter um estatuto social inferior ao de Cícero, Tirânio é referido com grande estima e com alguma intimidade nas *Cartas*. Sabe-se, por exemplo, que Tirânio foi professor do filho de Quinto, irmão de Cícero, tendo frequentado a casa deste último¹¹.

Por volta do séc. III a.C., por influência grega, começou a ser prática, como primeira etapa da educação de uma criança romana e principalmente nas famílias de elite, ter um preceptor cuja língua materna fosse o grego para que este fosse lecionado como a segunda língua, assim como outros conhecimentos tidos por fundamentais. Roma, assim, absorvia astutamente elementos de culturas exteriores sem perder no processo a sua própria identidade (pseudomorfose)¹². O preceptor tinha,

71

¹⁰ Suda τ1184 (apud Pagani 2015).

¹¹ Cic. *Q. fr.* 2.4.2 (56 a.C.).

¹² Oliveira 2015: 272.

então, de dominar muito bem ambas as línguas e exemplo disso é o caso de Lívio Andronico. Andronico, escravo trazido de Tarento para Roma em 272 a.C., mais tarde liberto, foi um dos primeiros a exercer esta função. A mestria de Lívio Andronico ficou patente no facto de ter traduzido a *Odisseia* de Homero para latim, a fim de proporcionar um meio de comparação educativo aos seus discípulos, embora não o tenha feito em hexâmetro, como o original grego, mas em verso satúrnio. Andronico podia ter escolhido traduzir a *Ilíada*, mas era na *Odisseia* que se encontravam os heróis ditos fundadores de cidades na Península Itálica, além de que era a obra que ia mais ao encontro dos ideais da cultura romana¹³. O segundo momento de educação era feito por um *grammaticus*, que ensinava gramática, de forma a aprimorar o domínio das línguas, e poesia, esmiuçando verso a verso com o intuito de preparar a criança para a terceira fase – retórica – que ficaria à responsabilidade de um *rhetor*. É assim provável que Tirânio tivesse desempenhado a função de *grammaticus* no contexto da educação da elite romana. Além do exemplo do sobrinho de Cícero acima referido, o famoso geógrafo Estrabão também recorda o tempo em que foi aluno do gramático Tirânio¹⁴.

Além de perceptor, Tirânio também se revelou um extraordinário bibliotecário, tendo organizado a biblioteca de Cícero. Numa carta a Ático¹⁵, datada de 56 a.C., o Arpinate escreve que Tirânio iria organizar os seus livros na sua *uilla* de Âncio e pede que o amigo envie dois *librarioli* para darem assistência ao gramático. Ático foi um dos primeiros editores romanos que se conhece pelo nome¹⁶ e possuía um

13 Oliveira 2015: 287.

14 Cf. n. 5.

15 Cic. Att. 4.4a.1: *Perbelle feceris si ad nos veneris. Offendes dissignationem Tyrannionis mirificam librorum meorum, quorum reliquiae multo meliores sunt quam putaram. Et velim mihi mittas de tuis librariolis duos aliquos quibus Tyrannio utatur glutinatoribus, ad cetera administris, iisque imperes ut sumant membranulam ex qua indices fiant, quos vos Graeci, ut opinor, σιττύβαξ appellatis.*

16 Santos 2019: 241.

grande número de escravos formados em caligrafia. Além da identificação, com rótulos dos volumes, estes *librarioli* fizeram montagem de estruturas, movimentação de livros, entre outras tarefas. Uns meses mais tarde, Cícero escreve outra carta ao amigo¹⁷, a agradecer os dois escravos que enviara para ajudar o gramático, e ainda exalta o trabalho feito por Tirânio:

*Postea vero, quam Tyrannio mihi libros disposuit, mens addita videtur
meis aedibus.*

Desde que Tirânio pôs por ordem os meus livros, parece que a
minha casa recebeu uma alma nova. (Pereira 2005: 210)

O trabalho de Tirânio ficou tão bem feito que foi como se a biblioteca de Cícero tivesse ganhado uma mente ou um intelecto próprio¹⁸. Johnson (2012) menciona que Platão atribuíra um termo semelhante a Aristóteles, ó voũç, pelo que Cícero e Ático, se tivessem conhecimento de tal, podiam intencionalmente estar a relacionar o significado dessa expressão com o de *mens* relativamente a Tirânio¹⁹.

Em paralelo com este trabalho na biblioteca de Cícero, diz-nos Estrabão (*Geogr.* 13.1.54.30-39) que Tirânio também fora chamado para fazer o mesmo à de Apeliconte, trazida para Roma por Sula por volta de 86 a.C., na qual se encontravam escritos de Aristóteles e de Teofrasto. Apeliconte era um homem muito abastado de Teos e um famoso colecionador de livros, tendo, inclusive, chegado a roubar documentos originais de Atenas. Segundo Estrabão, a biblioteca de Apeliconte inicialmente consistia nas bibliotecas de Teofrasto e de Aristóteles, herdada por Neleu, um pupilo de Aristóteles e de Teofrasto. Quando esta biblioteca chegou à posse de Apeliconte, os livros já se

17 Cic. *Att.* 4.8.2 (56 a.C.).

180 termo *mens* aparece aqui traduzido como “alma”.

19 Johnson 2015: 477.

encontravam consideravelmente danificados por humidade e traças. Estrabão critica Apeliconte por ser mais um bibliófilo do que um filósofo, e, além disso, as suas tentativas de restauro dos textos têm erros²⁰. Tirânio, por sua vez, era um devoto da filosofia aristotélica, mesmo antes do seu contacto com a mencionada biblioteca. A prova disso é o facto de os seus serviços terem sido requisitados por ser um especialista em Aristóteles (*philaristoteles*)²¹, um dos poucos que existiam em Roma. Dada a inexistência de catalogação dos volumes, os serviços de Tirânio foram requisitados para organizar de forma efetiva a biblioteca de Apeliconte, semelhantemente ao que havia feito com a de Cícero. A grande diferença reside no facto de a primeira necessitar de um cuidado especial, pois os textos estavam danificados. Tirânio supervisionou o rigor das cópias feitas²², para que a autenticidade dos textos sofresse o mínimo possível de variações. Segundo Plutarco (*Sull.* 26.1), essas cópias foram, mais tarde, fornecidas a Apolónio de Rodes, o último sucessor do Liceu. Com esta intervenção, Tirânio foi o primeiro a ter acesso aos escritos esotéricos “perdidos”²³ de Aristóteles, o que pode ser visto como mais um ponto a favor no que diz respeito à estima intelectual de Cícero por Tirânio. O contacto de Cícero com os tratados aristotélicos tanto pode estar relacionado com o facto de a sua *uilla* em Túsculo se situar perto da do filho de Sula,

74

20 Neleu levou a biblioteca para Escépsis, onde esta acabou por cair nas mãos dos seus herdeiros que não zelaram pela preservação adequada dos livros. Os herdeiros, ainda assim, tinham apreço pelo valor comercial da biblioteca, pelo que esta foi, mais tarde, vendida a Apeliconte por uma grande quantia de dinheiro. Cf. Lindsay 1997.

21 *Geogr.* 13.1.54.30-39.

22 Lindsay 1997: 294.

23 Aristóteles deixou dois tipos de escritos didáticos: os exotéricos, que consistiam em diálogos de cariz introdutório, mais direcionados para um público exterior à escola; e os esotéricos, de teor mais interno, que comportavam a essência didática da filosofia de Aristóteles, pelo que seriam apenas destinados aos discípulos. A tradição, transmitida por Estrabão e por Plutarco, conta que os escritos esotéricos se encontravam perdidos havia dois séculos até Sula se apropriar da biblioteca de Apeliconte (Fantham 2001: 109). Atualmente, só os escritos exotéricos de Aristóteles se encontram perdidos.

pois Fantham (2001: 110) refere que Cícero escreveu numa carta que usufruiu da biblioteca de Sula, como pela sua ligação a Tirânio (ou ambos). Vale a pena realçar que Cícero tinha recebido uma formação filosófica bastante completa. Estudou, em Roma, com o filósofo grego Fílon de Larissa e com o estoico Diódoto (que viveu na sua casa por vinte e cinco anos). Em Atenas, estudou com o adversário de Fílon, Antíoco de Ascalão, chefe da Academia que procurava conciliar Platão e Aristóteles com os Estoicos. Assim, independentemente de como teve acesso aos textos de Aristóteles, o que importa reter é que a formação que Cícero recebeu revela o seu interesse pelo conhecimento do grego, o que, de certa forma, também explica a sua ligação com Tirânio. É de interesse referir que campanhas militares como as de Sula e de Lúculo tiveram, como consequência, a entrada de várias bibliotecas e de grandes coleções de livros em Roma²⁴. As bibliotecas, de uma forma geral, tinham por objetivo fundamental o armazenamento de livros. Lúculo, por sua vez, permitia o acesso livre à sua coleção de livros a quem tivesse interesse de consultar – dá-nos Johnson (2012: 479, n. 19) o exemplo de Cícero, que se dirigiu pessoalmente para consultar um raro volume de Aristóteles. Mas foi Asínio Polião quem, entre 39/38 e 28 a.C.²⁵, tirou proveito dos espólios, sobretudo dos provenientes da Ilíria, em 38 a.C., e “pôs à disposição dos Romanos uma grande coleção de autores gregos e latinos” (Pereira 2005: 211). A biblioteca pública criada por Polião tinha o intuito de acabar com as leituras em espaços como o Foro e as termas, de forma a promover a formalidade e a solenidade das *recitationes*²⁶ e, incentivar literatura latina.

À semelhança de Tirânio, encontra-se um outro liberto muito estimado por Cícero. Tirão²⁷ foi o secretário pessoal do Arpinate

24 Beltrão 2020: 6; Pereira 2005: 210.

25 Ferreira 2016: 157.

26 Ferreira 2016: 157-158.

27 A informação que existe sobre a data de nascimento e sobre a sua origem não é suficiente para chegar a uma conclusão definitiva. Ainda que S. Jerónimo considere que

e quem publicou os *Discursos* e as *Cartas Familiares*. Tirão chegou a escrever obras de gramática, reuniu uma epistolografia própria e desenvolveu um sistema de taquigrafia (*notae Tironianae*²⁸). Plenamente consciente da injustiça que representava a condição de escravo de Tirão, Cícero acabou por lhe conceder a alforria e a consequente a liberdade²⁹. Mesmo depois de ter sido liberto, Tirão continuou a trabalhar para Cícero. Graças à educação que teve, passou a supervisionar as cópias que eram feitas das obras do seu agora patrono. Tirão exercia, assim, uma função semelhante à que atribuímos ao bibliotecário. Todavia, nas *Cartas* de Cícero não se encontram atestados os termos *bibliothecarius* e *bibliotheca*³⁰, o que sugere que os escravos que cuidavam das bibliotecas pessoais, como Tirão, seriam os mesmos que cumpriam simultaneamente outras tarefas, com a diferença de que teriam um nível de educação que lhes permitisse ler e fazer cópias habilmente. Também podiam ser *librarioli*, como os escravos de Ático, mas até estes não exerciam simples funções, como tivemos oportunidade de verificar relativamente ao seu papel na organização da biblioteca de Cícero.

76

Tirão nasceu em 103 a.C., Cícero trata-o por “jovem” nas suas cartas, pelo que talvez Tirão tenha nascido pouco depois do epistológrafo (n. 106 a.C.).

28 As ‘notas tironianas’ consistiam na representação de cada palavra através de caracteres compostos por letras intercisas, alteradas ou ligadas. Uma nota tironiana contém um sinal de base – o radical –, seguindo-se o auxiliar – sinal de terminação. Os referidos sinais são letras do alfabeto latino, truncadas, modificadas ou ligadas. (Ferreira 1999: 105, n. 18).

29 Para Cícero, a *humanitas* era algo próprio do ser humano e era o que permitia que o mesmo se erguesse à sua mais elevada expressão. A cultura pouco importa se não for apoiada pela eloquência, sendo esta, por sua vez, suportada, não só pelo engenho, como ainda pela natureza. Tal característica é o que separa o homem dos restantes animais, dado que tem a arte do pensamento, da consequente capacidade de expressão e de persuasão. Esta característica do ser humano é o que permite a evolução da civilização. Cícero acreditava que escravos como Tirão, sendo homens de notória inteligência, se encontravam naquela condição injustamente. (Ferreira 2018; Teixeira & Ferreira 2005; Pereira 2013: 143-148).

30 Houston 2002: 147.

2.2. O GRAMÁTICO

Como já se referiu antes, Tirânio começou a sua carreira como gramático ainda em Amiso, mas foi em Roma que teve oportunidade de a desenvolver verdadeiramente. Tal é manifesto no reconhecimento alcançado da parte de grandes figuras da sua época, como Cícero e Ático, mas também de Suetónio, que o inclui, na sua obra *De Grammaticis*³¹. O propósito da gramática consistia em preservar a literatura e, ao mesmo tempo, garantir a transmissão da mesma. Tirânio, pertencendo ao grupo de intelectuais gregos de grande influência durante o séc. I a.C., é considerado como um dos principais responsáveis pela primeira conceção de gramática em Roma. Desenvolveu interesse pela língua latina, principalmente no que toca à sua comparação com a língua grega, tendo defendido a ideia de que o latim deriva do grego³². A sua definição de gramática está preservada no escólio a Dionísio da Trácia: “γραμματική ἐστὶ θεωρία μιμήδεως”, i.e., “a gramática é a observação da imitação”³³. Tirânio concebe a noção de gramática como se fosse uma arte. É curioso – e único – o facto de Tirânio incluir o termo *theoria*, “observação”, na sua definição, visto que era usado num âmbito mais religioso e de culto, contendo, assim, uma grande carga divina³⁴. Por outro lado, e apesar de ter sido Platão o primeiro a fazer uso filosófico do conceito de *theoria*, a conceção científica de Aristóteles começava pela observação que era, particularmente, empírica. A ciência começa pela observação. Quanto ao conceito de

77

31 Esta obra fazia parte de uma coleção bibliográfica, denominada por *De Viris Illustribus*, de vinte figuras, que incluía gramáticos, professores de língua e de literatura (Seppänen 2014: 104).

32 Probert 2019: 2.

33 Seppänen 2014: 155-156. Possivelmente, esta definição de gramática teve origem na sua obra *Περὶ μερισμοῦ τῶν τοῦ λόγου μερῶν*.

34 Seppänen 2014: 156.

mimesis, “imitação”, Aristóteles conecta-o à poesia³⁵. Sendo Tirânio um especialista em Aristóteles, pode ter sido a partir da respetiva influência que aplicou os conceitos de *theoria* e de *mimesis* à sua definição de gramática. Aristóteles sugere ainda que a arte (*tekne*) imita a natureza (*physis*). Tendo em conta que o objeto de estudo de um gramático é a arte, então, na verdade, o seu objeto de estudo é a imitação. Como Seppänen (2014: 158) menciona, Aristóteles defende, na sua obra *Retórica* (1404a2), que as palavras são imitações e, por extensão, a linguagem verbal também. Assim, a definição de Tirânio vem ao encontro da formulação de Aristóteles, contendo, pertinentemente, um fundo racional. Não obstante, Tirânio sugere ainda que a sua definição de gramática, em que o objeto de estudo principal é a imitação, tem valor para a própria gramática, principalmente no que diz respeito aos seus aspetos práticos e produtivos, como a ortografia. Ainda assim, Tirânio não conseguiu firmar a sua definição, mais especificamente, o termo *theoria*, na gramática tradicional, tal como a *mimesis* não se tornou popular entre os gramáticos.

78

O entusiasmo intelectual de Cícero e de Ático relativamente a Tirânio mostra o quanto o trabalho de acentuação do gramático era uma novidade em Roma. Cícero, em *Att.* 12.6.2, escreve a reclamar que o amigo por o amigo ter lido, da autoria de Tirânio, na sua ausência. Todavia Cícero, ao mesmo tempo, compreende a atitude do amigo, pois admira o gosto de Ático por aprender. A obra a que Cícero se refere é sobre a prosódia de Homero, da qual só nos chegaram fragmentos. Na referida carta, o próprio Arpinate faz uso do supramencionado termo *theoria*³⁶, demonstrando o quanto valorizava o gramático. O trabalho de Tirânio influenciou também muito o de Varrão, o primeiro autor latino a discutir a acentuação do latim em pormenor e que, baseado

35 Seppänen 2014: 158.

36 Cic. *Att.* 12.6.2 (46 a.C.): “...amo enim πάντα φιλειδήμονα τεque istam tam tenuem θεωρίαν tam valde admiratum esse gaudeo.” (Pagani 2015; s.v. “Tyrannion [1] Maior”, source 11).

na obra de Tirânio, também identificava quatro acentos na língua latina: agudo, médio, grave e circunflexo³⁷. Segundo Probert (2019: 4), a pronúncia de Tirânio era conhecida por ser uma das melhores. Varrão partilhava da mesma opinião de Tirânio sobre a existência de um tom médio, pois afirmava que a própria natureza requeria esse tom, o qual se situaria entre o tom agudo e o tom grave³⁸.

Relativamente ao seu legado, Tirânio deixou, pelo menos, dois grandes discípulos: Estrabão e Tirânio-o-Moço³⁹. Estrabão⁴⁰ provinha de uma família rica de Amasia, situada no Ponto. Foi historiador, geógrafo e filósofo. É o autor da mais importante obra da Antiguidade sobre a geografia. O seu interesse pela geografia histórica⁴¹ e por Homero veio da sua aprendizagem com Tirânio (*Geogr.* 12.3.16). No que toca a Tirânio-o-Moço⁴², natural da Fenícia, teve um percurso semelhante ao do seu mestre. Foi trazido como escravo para Roma e foi liberto pela viúva de Cícero. Eventualmente assumiu a mesma alcunha que o seu mestre, assim como a profissão de gramático, tendo escrito também obras sobre gramática. Segundo Pagani (2015), Tirânio-o-

79

37 A um tratado de Tirânio dedicado à prosódia, confirmado por Cícero, é possível ligar um trabalho de pseudo-Sérgio, *Explanatio in Artem Donati*, a partir do qual é possível saber que o gramático distinguia quatro tipos de acentuação - grave, médio, agudo e circunflexo (*bareia, mese, oxeia, perispomene*). Mais tarde, Varrão aceitou este modelo, o qual já tinha sido adotado por Glauco de Samos, Hermócrates, Teofrasto e Atenodoro. Não se sabe ao certo o que o tom médio implicava. Varrão, na passagem de pseudo-Sérgio, faz conexão com a música para exemplificar os tons. Do que resta da análise da prosódia homérica feita por Tirânio não é possível encontrar nada que esclareça o que é o acento médio.

38 Probert 2019: 2-4.

39 O seu nome, na verdade, seria Diocles (Pagani 2015; s.v. “Tyrannion [2] Minor”).

40 OCD, s.v. “Strabo” (2).

41 Em Cic. *Att.* 2.6.1, Cícero faz menção ao desenvolvimento do seu tratado geográfico, pois surgira uma contradição entre teorias: o modelo que escolhera, Erastóstenes, era fortemente criticado por Hiparco e por Serapião, e o Arpinate propõe Tirânio como crítico adicional. (Lindsay 1997: 297-298; Seppänen 2014: 160, n. 757).

42 Pagani 2015.

-Moço acrescentou comentários às obras do seu mestre, mantendo o título original, o que pode ter suscitado confusão sobre a qual deles pertencia a obra.

Pela informação disponível, é possível deduzir que os tratados de Tirânio-o-Antigo incidiam sobre a métrica, a prosódia homérica, a crítica e a gramática. Nenhuma destas obras chegou até nós. Os seus tratados encontram-se listados na *Suda* (τ1184), sendo dois deles:

- Περὶ τῆς Ὀμηρικῆς προσωδίας
“Sobre a prosódia de Homero”

A maioria dos fragmentos que nos chegaram pertence a este tratado, tendo sido preservados num escólio à *Iliáda* (através de Herodiano). Esta obra trata temas como questões de acentuação e de respiração, de divisão de palavras, de quantidade de vogais, de presença de sinéreses ou ditongos.

80

- Περὶ τῶν μερῶν τοῦ λόγου / Περὶ μερισμοῦ
“Sobre as partes do discurso” / “Sobre a divisão”

Nesta obra, Tirânio faz a definição das partes do discurso, distinguindo o mesmo em pelo menos três partes: o substantivo, que é indivisível ou individual; o nome comum, que pode servir de base para derivações; e o particípio, que identifica como um subtipo de substantivo. O objetivo consistia em separar as palavras em categorias ou classes adequadas à sua função⁴³.

3. REFLEXÕES FINAIS

Tirânio morreu de gota, já numa idade avançada. Não se sabe, ao certo, a data da sua morte, mas pode ter ocorrido por volta

43 Seppänen 2014: 151; 156-157.

do ano de 25 d.C.⁴⁴. Durante a sua carreira, Tirânio desenvolveu conceitos e categorias para analisar a prosódia grega, tendo-os introduzido nos círculos intelectuais dispostos a tomar estas regras como relevantes para a própria língua latina. Esta movimentação de conceitos e categorias da Grécia para Roma foi mantida pelos seus discípulos. Embora as obras de Tirânio não tenham chegado até nós, o reconhecimento do seu trabalho está patente nas *Cartas* de Cícero e na obra *Geografia* de Estrabão. A vinda para Roma, ainda que forçada, não impediu Tirânio de desfrutar de uma longa carreira como gramático e, ao mesmo tempo, de contribuir para a divulgação da língua e cultura gregas em Roma através do estudo e ensino de ambas. De certo modo, foi também graças ao seu trabalho, como gramático e como bibliotecário, que a escola de Alexandria se tornou célebre em Roma⁴⁵.

Neste trabalho, vimos ainda que figuras como Lívio Andronico e Tirânio, ambos de origem grega, e ainda Tirão, contribuíram de forma muito significativa para o desenvolvimento da língua latina, tendo não só escrito tratados linguísticos, mas também influenciado de forma determinante pensadores latinos seus contemporâneos. O caso de Tirânio é apenas um exemplo, entre vários, de como a identidade romana é construída num legado ambivalente, entre o imperialismo agressivo e a assimilação cultural.

81

ABREVIATURAS

Cic. *Att.* – M. Túlio Cícero, *Epistulae ad Atticus*

Cic. *Q. fr.* – M. Túlio Cícero, *Epistulae ad Quintum fratrem*

Strab. *Georg.* – Estrabão, *Geographia*

44 Pagani 2015; s.v. “Tyrannion [1] Maior”.

45 Seppänen 2014: 155.

Plut. *Luc.* – Plutarco, *Vitae Parallelae - Lucullus*

OCD – Hornblower, S.; Spawforth, A. (2012, 4ª ed.), *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press.

Plut. *Sull.* – Plutarco, *Vitae Parallelae - Sulla*

BIBLIOGRAFIA

Ascheri, P. (2015), “Demetrius [9]”, in *Lexicon of Greek Grammarians of Antiquity*. Disponível online em <http://dx.doi.org/10.1163/2451-9278_Demetrius_9>

Beltrão, C. (2020), “Construindo a filosofia ‘clássica’: Cícero e o epicurismo”, *Archai* 30 (e03012). Disponível online em <https://doi.org/10.14195/1984-249X_30_12>

Fantham, E. (2001), “Roman Tragedy and the Teaching of Aristotle’s Poetics”, in Ø. Andersen, J. Haarberg (eds.), *Making Sense of Aristotle: Essays in Poetics*. Londres: Duckworth, 109-125.

Ferreira, P. S. (1997), “A Escravatura na Antiguidade”, *Boletim de Estudos Clássicos* 27: 59-64.

Ferreira, P. S. (1999), “Cícero e a escravatura”, *Boletim de Estudos Clássicos* 31: 105.

Ferreira, P. S. (2016), “As *recitationes* na Cultura Romana”, *Humanitas* 68: 151-179.

Ferreira, P. S. (2018), “Na Grécia e na Roma antigas”, *Visão História* 49: 6-11.

Houston, G. W. (2002), “The Slave and Freedman Personnel of Public Libraries in Ancient Rome”, *Transactions of the American Philological Association* 132 (1/2): 139-76.

Johnson, W. A. (2012), “Cicero and Tyrannio: *Mens Addita Videtur Meis Aedibus* (*Ad Atticum* 4.8.2)”, *The Classical World* 105 (4): 471-477.

Lindsay, H. (1997), “Strabo on Apellicon’s library”, *Rheinisches Museum für Philologie* 140 (3/4): 290-298.

Oliveira, F. (2015), “Consequências culturais: helenismo e anti-helenismo em Roma”, in Brandão, J. L.; Oliveira, F. (coords.), *História de Roma Antiga* vo-

lume I: das origens à morte de César. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra: 265-300.

Pagani, L. (2015), “Dionysius [15] Thrax”, in *Lexicon of Greek Grammarians of Antiquity*. Disponível online em <https://referenceworks.brillonline.com/entries/lexicon-of-greek-grammarians-of-antiquity/*Dionysius_15_Thrax_it>

----- “Tyrannion [1] Maior”, in *Lexicon of Greek Grammarians of Antiquity*. Disponível online em <https://referenceworks.brillonline.com/entries/lexicon-of-greek-grammarians-of-antiquity/tyrannion-1-maior-Tyrannion_1_Maior_it>

----- “Tyrannion [2] Minor”, in *Lexicon of Greek Grammarians of Antiquity*. Disponível online em <https://referenceworks.brillonline.com/entries/lexicon-of-greek-grammarians-of-antiquity/*Tyrannion_2_Minor>

Pereira, M. H. R. (2005, 5ª ed.), *Estudos de História da Cultura Clássica, Vol. II - Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Probert, P. (2019), “Introduction”, in *Latin Grammarians on the Latin Accent: The Transformation of Greek Grammatical Thought*. Oxford: Oxford University Press, 1-15.

Santos, A. (2019), “Oralidade, escrita e livro no mundo antigo”, in Andrade, A. M. L.; Carrington, M. C. (coords.), *Do Manuscrito ao Livro Impresso I*. Aveiro - Coimbra: UA Editora - Imprensa da Universidade de Coimbra, 207-248.

Seppänen, M. (2014), “Defining the art of grammar: Ancient perceptions of γραμματική and grammatica”, *Turun Yliopiston Julkaisuja Annales Universitatis Turkuensis* 379. Disponível online em <<https://www.utupub.fi/bitstream/handle/10024/94624/AnnalesB379Seppanen.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>

Teixeira, C.; Ferreira, P. S. (2005), “Visões da escravatura da literatura latina”, in Oliveira, F. (ed.), *Génese e Consolidação da Ideia de Europa. O Mundo Romano, Vol. III*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 103-122.

Wickham, J. P. (2014), *The Enslavement of War Captives by the Romans to 146 BC*. Tese de Doutoramento. Liverpool: University of Liverpool Press: 11-21. Disponível online em <https://livrepository.liverpool.ac.uk/17893/1/WickhamJ_May2014_17893.pdf>

